

Um estudo epidemiológico sobre a qualidade de vida em adultos com HIV/Aids no Brasil

An epidemiological study on quality of life in adults with HIV/AIDS in Brazil

Recebido: 28/03/2022 | Aceito: 12/06/2022 | Publicado: 20/06/2022

Alexandre Jocemar da Rosa Ferreira¹

 <https://orcid.org/0000-0002-7413-2722>

 <http://lattes.cnpq.br/4045862006911169>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: alexandre.jocemar@gmail.com

Ariele Kelly da Silva Nascimento²

 <https://orcid.org/0000-0002-8725-8420>

 <http://lattes.cnpq.br/1182784782520719>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: arielenascimento11@gmail.com

Fernanda Rosa dos Santos³

 <https://orcid.org/0000-0003-0056-5127>

 <http://lattes.cnpq.br/0000000000000000>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: fehsantos19952@gmail.com

Luciana Desterro da Silva⁴

 <https://orcid.org/0000-0003-0056-5127>

 <http://lattes.cnpq.br/1240498185569437>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: luhsilva1504@gmail.com

Marco Aurélio Ninômia Passos⁵

 <https://orcid.org/0000-0003-4231-8941>

 <http://lattes.cnpq.br/9046655386585839>

Universidade Paulista, UNIP, Brasil

E-mail: marconinomia@gmail.com

Mariana Bonifácio de Lima⁶

 <https://orcid.org/0000-0001-7677-0173>

 <http://lattes.cnpq.br/3736669793964372>

Universidade Paulista, DF, Brasil

E-mail: maribonifacio88@gmail.com

Resumo

O presente estudo teve como objetivo geral analisar as principais formas de transmissão do HIV entre os adultos no Brasil, bem como a forma com que essa enfermidade impacta em sua qualidade de vida. Trata-se de revisão integrativa com análise descritiva sobre a epidemiologia e a qualidade de vida dos adultos vivendo com HIV/AIDS no Brasil. Foi adotado como referencial teórico-metodológico a análise de artigos das principais plataformas de artigos científicos, selecionando 16 estudos

¹ Graduado em Enfermagem pela Universidade UNIP, Brasil

² Graduada em Enfermagem pela Universidade UNIP, Brasil

³ Graduada em Enfermagem pela Universidade UNIP, Brasil

⁴ Graduada em Enfermagem pela Universidade UNIP, Brasil

⁵ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Brasília. Mestre em Ciências Genômicas e Biotecnologia pela Universidade Católica de Brasília. Doutor em Biologia Molecular pela Universidade de Brasília.

⁶ Graduada em Enfermagem pela Universidade Paulista, UNIP, DF, Brasil

para a revisão integrativa. O estudo evidenciou que atualmente 38,4 milhões de pessoas no mundo vivem com HIV, das quais 1,5 milhão se tornou recém-infectadas por HIV somente no ano de 2021. Os dados fornecidos pelo DataSus ainda mostram que 84,2 milhões de pessoas foram infectadas por HIV desde o início da epidemia, e 40,1 milhões de pessoas morreram por doenças relacionadas à AIDS desde o início da epidemia. Em relação à qualidade de vida, os estudos revelam que, nos últimos anos, houve um aumento no índice de esperança de vida, mediante a evolução dos marcadores biológicos e avanço da TARV, melhorando significativamente o conceito de qualidade de vida para essa população. Os avanços tecnológicos vêm conquistando por gerações, no enfrentamento da epidemia de HIV/ Aids, o aumento da expectativa de vida e da qualidade de vida, obtendo grande potencial de acabar com os casos epidêmicos. Conclui-se que as representações sociais acerca da qualidade de vida dos portadores de HIV/Aids sofrem diretamente influências de diversos aspectos relacionados ao processo de viver com uma doença crônica, desencadeando julgamentos ~~mas~~ advindos desde o início da epidemia por representações pré-definidas sobre o HIV/Aids, implicando diretamente nas mudanças das relações interpessoais, intersociais e profissionais.

Palavras-chave: HIV/aids. Qualidade de Vida. Brasil. Adulto.

Abstract

This study aimed to analyze the main forms of HIV transmission among adults in Brazil, as well as how this disease impacts their quality of life. This is an integrative review with descriptive analysis on the epidemiology and quality of life of adults living with HIV/AIDS in Brazil. It was adopted as theoretical and methodological reference the analysis of articles from the main platforms of scientific articles, 16 studies were selected to use in the integrative review. The study evidenced that currently 38.4 million people in the world live with HIV. Where 1.5 million people will become newly infected with HIV in the year 2021 alone. Data provided by DataSus also shows that 84.2 million people have been infected with HIV since the beginning of the epidemic, and 40.1 million people have died from AIDS-related diseases since the beginning of the epidemic. In relation to quality of life, studies show that in recent years there has been an increase in the life expectancy index, through the evolution of biological markers and the advance of ART, significantly improving the concept of quality of life for this population. Technological advances have been conquered by generations in the confrontation of the HIV/AIDS epidemic, increasing life expectancy and quality of life, obtaining great potential to end the epidemic cases. It is concluded that social representations about the quality of life of HIV/AIDS carriers are directly influenced by several aspects related to the process of living with a chronic disease, triggering moral judgments, which come from the beginning of the epidemic, by pre-defined representations about HIV/AIDS, directly implying changes in interpersonal, intersocial and professional relationships.

Keywords: HIV/AIDS. Quality of Life, Brazil and Adult.

Introdução

A Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS) é uma doença que afeta o sistema imunológico, especialmente os linfócitos TCD4+ do indivíduo que foi infectado pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). A patologia tem um grande período de latência em progresso constante, isso torna os indivíduos vulneráveis às chamadas doenças oportunistas (SILVA; CUETO, 2018). Assim, a transmissão do HIV

pode ocorrer pelo contato com sangue ou sêmen contaminado, lubrificação vaginal e da mãe soropositivo para filho na gravidez ou através da amamentação (NETO *et al.*, 2021).

Dessa forma, os indivíduos que foram infectados pelo HIV e não desenvolvem a patologia são denominados soropositivos, e os que apresentam evolução constante do vírus desenvolvem a AIDS (VERAS *et al.*, 2020). As infecções ocasionadas pelo HIV são prevalentes em todo o Brasil (MACEDO; GOMES, 2020) e sua notificação compulsória ocorre de forma periódica através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), seguindo os mesmos critérios de sigilo definidos na Lei de Acesso à Informação, Lei nº 12.527/2011 (BRASIL, 2020).

Não obstante, em 2021, o relatório nacional publicado pelo Ministério da saúde (UNAIDS, 2022) trouxe uma estimativa de que havia aproximadamente 13.501 mil pessoas vivendo com HIV no país. De acordo com a Lista Nacional de Notificação Compulsória “as pessoas com infecção pelo HIV em acompanhamento clínico-laboratorial e diagnosticadas em data anterior devem ser notificadas à medida que comparecerem à rede de serviços de saúde” (NETO *et al.*, 2021).

Mesmo com o avanço da terapia antiretroviral e existência de métodos de diagnósticos confiáveis, a AIDS, de acordo com Amaral (2018), continua sendo um dos mais significativos problemas de saúde pública. Devido a seu caráter pandêmico, instável, multifacetado e com alterações no perfil epidemiológico, é necessária a vigilância constante de suas tendências. No Brasil, há um destaque para o aumento da infecção entre jovens.

Também no Brasil existe uma das políticas de enfrentamento à AIDS mais modernas do mundo, o Programa Nacional de DST/AIDS que, em parceria com o Ministério da Saúde, criou os Centros de Testagem e Aconselhamento no Brasil (CTA) visando à promoção, diagnóstico e prevenção ao HIV e demais IST's nas redes públicas de saúde (FERREIRA, MAITO, ANDREOTTI, 2019)

O Programa Nacional de IST/AIDS traz três grandes objetivos, sendo eles reduzir a incidência de infecção pelo HIV/AIDS e por outras IST's, ampliar o acesso ao diagnóstico, ao tratamento e à assistência - melhorando sua qualidade -, no que se refere ao HIV/AIDS, e fortalecendo as instituições públicas e privadas responsáveis pelo controle das IST's e da AIDS (BRASIL, 2021).

A identificação e reconhecimento das vulnerabilidades, bem como a percepção do processo de viver com HIV, auxilia na estruturação das políticas públicas e programas direcionados às necessidades desse grupo social, em todos os aspectos, além de auxiliar no decréscimo e estabilidade dos casos de HIV/AIDS, nos aspectos que resultam na qualidade de vida e o tempo de sobrevivência dessa população (ALMEIDA AIS *et al.* 2022).

Ademais, o enfrentamento ao HIV/AIDS exige mudanças comportamentais de nível individual e coletivo. Diante do exposto, surge então o seguinte questionamento: Qual o perfil epidemiológico atual no país dos portadores de HIV/AIDS e as principais formas de transmissão do HIV entre os adultos no Brasil e como essa enfermidade impacta na qualidade de vida dos mesmos?

Portanto, esse estudo justifica-se pelo fato de que a maior incidência dos casos está entre a faixa etária dos jovens/adultos, por constituírem uma população vulnerável às IST's, como a exemplo da infecção por HIV/AIDS, sendo necessária a discussão acerca da necessidade do aprimoramento de estratégias de saúde pública e preventivas para esse público, pois a vulnerabilidade ao HIV/AIDS está associada a fatores pessoais, sociais, políticos e econômicos. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento bibliográfico a partir da análise de dados

epidemiológicos e dos fatores associados à infecção pelo HIV/Aids entre adultos no Brasil, analisando como a patologia pode interferir na qualidade de vida desse público e discutindo as políticas públicas nesse contexto.

Metodologia

Trata-se de revisão integrativa com análise descritiva sobre a epidemiologia e a qualidade de vida dos adultos vivendo com HIV/Aids no Brasil. A revisão integrativa é um método de revisão mais amplo, pois se trata de uma ferramenta muito importante na elaboração de estudos no campo da saúde, pois reúne, de forma sucinta, as pesquisas disponíveis sobre determinado assunto, direcionando o pesquisador à incorporação de evidências, o que promove a disseminação do conhecimento científico, permitindo aos profissionais das diversas áreas da saúde o acesso rápido aos resultados mais importantes de pesquisas, para a prática fundamentada no saber crítico (POMPEO; ROSSI; GALVÃO, 2009).

Para determinar quais estudos seriam incluídos nesta pesquisa, assim como os meios adotados para a identificação de questões relevantes e as informações a serem extraídas de cada estudo selecionado, iniciou-se o processo na definição da pergunta norteadora, que é considerada a fase mais importante da revisão (POMPEO; ROSSI; GALVÃO, 2009). Dessa forma, seguiram-se as fases para a elaboração de revisão integrativa da literatura, em que foi iniciada a primeira etapa do processo com a definição e seleção da hipótese para a definição do tema. Nessa fase, obteve-se a seguinte pergunta norteadora: O que a literatura científica demonstra quanto ao impacto da infecção pelo HIV/Aids na qualidade de vida dos adultos residentes no Brasil convivendo com esse agravo?

Para a obtenção dos artigos, foi realizado um levantamento em bancos de dados eletrônicos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) – BIREME e *Scientific Electronic Library Online – Scielo*, além de lista de referências dos artigos identificados. A busca foi realizada a partir dos descritores: “Qualidade de Vida”, “HIV”, “Brasil” e “Adulto”, entre o período de 2012 a 2022 e apenas artigos na língua portuguesa. A seleção dos descritores utilizados no processo de revisão foi efetuada mediante consulta ao DECs (descritores de assunto em ciências da saúde da BIREME).

Para responder à pergunta norteadora, foram adotados critérios de inclusão, sendo considerados aqueles artigos cujo acesso ao periódico era livre aos textos completos, artigos em idioma português, publicados e indexados nos últimos cinco anos (2018 a 2022), que foram localizados através da busca com os seguintes descritores: “Qualidade de Vida”, “HIV”, “Aids”, “Brasil” e “Adulto” e que estavam relacionados à temática da “epidemiologia e a qualidade de vida dos adultos vivendo com HIV/Aids no Brasil”, analisando de acordo com a literatura os principais fatores que interferem na qualidade de vida de pacientes soropositivos residentes no Brasil.

Como critérios de exclusão, estão artigos publicados em anos anteriores a 2018, em idiomas que não o português, que não apresentam relação com o tema proposto e a pergunta norteadora. Além disso, optou-se por não incluir teses, dissertações e monografias, visto que a realização de uma busca sistemática delas é inviável logisticamente.

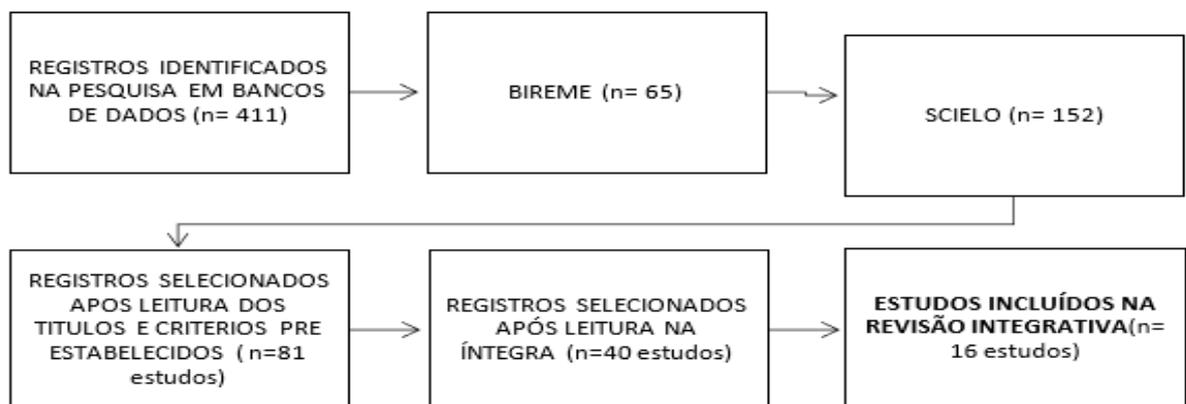
Com os parâmetros utilizados, foram encontrados 65 artigos no banco de dados da Bireme e 152 artigos no banco de dados da Scielo, para os resultados de cada busca, a seleção inicial ocorreu pela simples leitura dos títulos encontrados, sendo descartados aqueles evidentemente não relacionados ao tema, considerando o idioma em português, bem como o ano de publicação. Para os potencialmente elegíveis, os resumos foram avaliados para uma segunda etapa de seleção quanto à elegibilidade.

Os artigos que aparentemente cumpriam com os critérios de inclusão, neste caso, 81 artigos foram obtidos e analisados na íntegra.

Após a leitura criteriosa, 40 artigos atenderam aos critérios de inclusão, porém foram selecionados 16 estudos para utilizar na revisão integrativa por apresentarem rigorosamente dados direcionados ao estudo. A partir desses estudos, foram levantadas as seguintes informações: o título dos estudos, autores; periódicos, ano de publicação, objetivos, instrumentos utilizados, procedência, características metodológicas e conclusão relacionados ao tema. Por fim, os dados foram comparados e analisados à luz da literatura pertinente ao tema investigado.

A figura 1 mostra o fluxograma da estratégia adotada para busca e inclusão dos artigos e as razões de exclusão de textos não inseridos.

Figura 1- Fluxograma detalhado da metodologia aplicada para seleção bibliográfica, com base no método de revisão descrito por Mendes *et al.* (2008).



Resultados e Discussão

No quadro 1, estão descritas informações gerais dos 16 artigos incluídos nesta revisão integrativa. Foram interpretados e sintetizados todos os resultados, através de uma comparação dos dados evidenciados na análise dos artigos ao referencial teórico (Souza *et al.* 2010).

Quadro 1 – Síntese dos estudos analisados.

Autor / ano	Título	Objetivo	Resultados
Figueiredas SL, Maksud I/ 2018	Da política à prática da profilaxia pós-exposição sexual ao HIV no SUS: sobre risco, comportamentos e vulnerabilidades.	O objetivo da pesquisa pautou-se em analisar o risco e as vulnerabilidades dos portadores do HIV/Aids.	Os resultados evidenciaram que os critérios epidemiológicos não são suficientes para responder à indicação da profilaxia, que os espaços de intersubjetividade circunscritos pela PEP sexual são atravessados por distintas lógicas de risco e por padrões morais discriminatórios. A concretização de práticas de saúde orientadas pela perspectiva do exercício da sexualidade como afirmação de um direito continua sendo um desafio.
Malta AA, Santos CVM/2018.	A Vivência da sexualidade de pessoas que vivem com HIV/Aids.	Investigar quais as principais dificuldades nos relacionamentos amorosos e ou sexuais de sujeitos soropositivos e quais os mecanismos de enfrentamento mais empregados por eles.	Os resultados confirmaram a existência do impacto negativo do diagnóstico de HIV nos relacionamentos amorosos e/ou sexuais conforme descrito na literatura. Apontaram, ainda, para diversas formas de enfrentamento utilizadas pelos sujeitos soropositivos.
Oliveira PS, Melo AD; Alves JAB, Figueiredo K/2018.	Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária.	Identificar as situações de vulnerabilidade em que os adolescentes se encontram em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis na Atenção Primária à Saúde.	Observou-se que os adolescentes necessitam ser sensibilizados sobre as circunstâncias que acarretam as Doenças Sexualmente Transmissíveis por meio de parcerias com os serviços de saúde e espaços sociais na comunidade.
Pereira AC,Bradbury F,Estefani ES,Hortense P/2019.	Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS.	Avaliar a dor em pessoas que vivem com o vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida e relacionar com fatores sociodemográficos, clínicos, sintomas depressivos e	A presença de dor encontrada é preocupante e possui associação com o sexo feminino, escolaridade, pior nível da qualidade de vida relacionada à saúde e presença de sintomas depressivos.

		qualidade de vida relacionada à saúde.	
Silveira MF, Ferreira AC, Brito MFSF, Pinho L, Júnior ALT, Carneiro M/ 2019.	Propriedades psicométricas do WHOQOL-HIV Bref para avaliação da qualidade de vida.	Avaliar as propriedades psicométricas do questionário WHOQOL-HIV Bref em pessoas com HIV/AIDS.	O WHOQOL-HIV Bref apresentou-se válido, confiável para medir a qualidade de vida de pessoas com HIV/AIDS.
BlandónJAP, BocanegraAG, Maidana Júnior JN, Viana DR, Campos MML/ 2019,	Os determinantes da qualidade de vida em pessoas com HIV: uma revisão integrativa.	Analisar os determinantes que afetam a qualidade de vida de pessoas com HIV, a partir da revisão de pesquisas originais.	Existem múltiplos determinantes que afetam a qualidade de vida das pessoas com HIV, havendo consenso nos determinantes de apoio social, estigma, depressão e adesão.
Neto M, Pires, Beserra B, Júnior S, Mota C/2019.	Qualidade de vida no contexto de pacientes com hiv/aids: um estudo comparativo.	Comparar a percepção da qualidade de vida de pessoas HIV+ com pessoas sem o diagnóstico para o HIV/AIDS.	Os resultados sugerem que o diagnóstico positivo de HIV/AIDS é condição suficiente para diferenciar a qualidade de vida da população geral.
Andreotti C, Maito S, Ferreira R/2019.	Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos?	Contextualizar as políticas públicas em todas as esferas governamentais.	A luta contra o HIV/Aids ainda apresenta um grande caminho a ser trilhado e, para isso, não podemos ignorar todos os avanços já alcançados no Brasil e no mundo. Entretanto, deve-se reforçar a realização de mais campanhas de prevenção e educação continuada, como em escolas ou unidades básicas de saúde, com uma abordagem que possa atingir todas as camadas da sociedade.
Neto LFSP, Perini FB, Aragón MG, Freitas MA, Miranda AE/ 2020.	Protocolo brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos	Discutir a necessidade de que profissionais de saúde e gestores conheçam os sinais e sintomas da infecção pelo HIV e saibam fazer o seu diagnóstico, a fim de oferecer tratamento adequado e reduzir complicações	O início do tratamento para todas as pessoas vivendo com HIV, independentemente de critérios clínicos ou imunológicos, adotado pelo Ministério da Saúde em 2013, foi agora simplificado com medicamentos de primeira linha mais toleráveis e com menos interações medicamentosas, o que torna seu manejo de fácil implementação, inclusive pela Atenção Primária à Saúde.
Santos MRWM, Paul CC,	Qualidade de vida, adesão e indicadores	Avaliar a	A qualidade de vida, associada à adesão e aos

Padoin SMM/2020.	clínicos em pessoas vivendo com HIV.	associação entre a qualidade de vida e a adesão ao tratamento antirretroviral.	indicadores clínicos geram um ciclo, em que os diferentes resultados de cada um admitem a interferência entre si.
Dias JO, Sousa GC, Furtado DRL, Oliveira AVS, Martins GS/2020.	Principais sintomas e alterações imunológicas decorrentes da infecção pelo vírus HIV: uma revisão bibliográfica.	Realizar um levantamento bibliográfico dos sintomas e alterações imunológicas decorrentes da infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).	O levantamento dos estudos evidenciou que o HIV está presente em todas as populações desde jovens aos idosos, e sua maneira silenciosa de viver no organismo pode proporcionar um diagnóstico tardio. A infecção pelo HIV não apresenta sintomas evidentes, eles são vistos a partir das co-infecções de doenças oportunas.
Secretaria de Vigilância em Saúde departamento de Doenças de Condições Crônicas. 2021.	Boletim epidemiológico.	Apresentar informações sobre os casos de HIV e de Aids no Brasil, regiões, estados e capitais, de acordo com as informações obtidas a partir dos sistemas de informação utilizados para a sua elaboração.	Embora se observe uma diminuição dos casos de aids em quase todo o país, principalmente nos últimos anos, cabe ressaltar que parte dessa redução pode estar relacionada à subnotificação de casos, em virtude da mobilização local dos profissionais de saúde ocasionada pela pandemia de covid-19.
Limas FM, Brandão ML, Luccas DS, Nichiata LYI, Larocca LM, Chaves MMN/2021.	Estudo ecológico da epidemia HIV/Aids em adultos jovens: estamos prevenindo ou tratando?	Analisar o perfil epidemiológico e as condições clínicas, segundo Critério <i>Centers for Disease Control and Prevention</i> (adaptado) e Rio de Janeiro/Caracas, de jovens de 20 a 29.	Este estudo contribui para os profissionais de saúde atuarem no sentido de reverter o diagnóstico tardio e prevenir a transmissão do HIV.
Damião JJ, Agostini R, Maksud I, Filgueiras S, Rocha F, Maia AC, Melo EA/2022.	Cuidando de Pessoas Vivendo com HIV/Aids na Atenção Primária à Saúde: nova agenda de enfrentamento de vulnerabilidades?	Analisar implicações da descentralização da assistência de PVHA para a APS na (re)produção ou redução de vulnerabilidades.	A ampliação do acesso coexiste com a produção de novos riscos, que refletem na continuidade e qualidade do cuidado. Sublinhamos a necessidade de fortalecimento das interações trabalhador-usuário e da reflexão sobre novos arranjos para a organização dos processos de trabalho, que resultem em mais proteção e cuidado às pessoas, evitando a ampliação de vulnerabilidades.
Antunes RF, Marques SC, Oliveira DC, Domingues	Saúde: principal significado da qualidade de vida entre pessoas	Analisar a qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV	Pode-se concluir que todos os conteúdos representacionais possuem convergência com a

JP, Cecilio HPM, Machado YY, Silva DPE, Souza GF/2022.	vivendo com HIV/Aids	atendidas em duas unidades de saúde na cidade do Rio de Janeiro.	manutenção da saúde na busca pela qualidade de vida.
Almeida AIS, Ribeiro JM, Bastos FI/2022.	Análise da política nacional de DST/Aids sob a perspectiva do modelo de coalizões de defesa.	Analisar a dinâmica de mudanças ocorridas dentro do subsistema da Política Nacional de DST/Aids à luz do modelo de coalizões de defesa (MCD).	Os achados mostram que, embora bem-sucedida, a Política Nacional de DST/Aids enfrentou grandes dificuldades em estabelecer padrões que contemplassem as necessidades da população. Entretanto, mesmo que as coalizões contem com estratégias distintas, apresentam-se como convergentes, pois se direcionam para o mesmo objetivo.

Dentre os artigos incluídos nesta revisão integrativa, as autorias são bastante diversificadas no que tange à temática de HIV/Aids em adultos. Para uma melhor compreensão do assunto abordado, a pesquisa concentrou seus resultados em três partes: a primeira traz o quadro epidemiológico atual no país e os fatores associados; na segunda parte, um referencial bibliográfico de como esse quadro afeta na qualidade de vida dessas pessoas; e, na terceira parte, serão discutidas políticas públicas pautadas na busca da igualdade e justiça social.

Quadro epidemiológico e fatores associados

Atualmente, 38,4 milhões de pessoas no mundo vivem com HIV, das quais 1,5 milhão se tornou recém-infectadas por HIV somente no ano de 2021. 650 mil pessoas morreram por doenças relacionadas à Aids. Os dados fornecidos pela UNAIDS ainda mostram que 84,2 milhões de pessoas foram infectadas por HIV desde o início da epidemia, e 40,1 milhões de pessoas morreram por doenças relacionadas à Aids desde o início da epidemia (UNAIDS, BRASIL 2022).

No Brasil, foram identificados 1.045.355 casos de Aids, registrando uma média de 36,8 mil novos casos anualmente de Aids no decorrer dos últimos cinco anos. Os dados demonstram uma queda dos números anuais dos casos da doença desde 2018, contabilizaram 38.251 casos notificados, dos quais, em 2021, foram registrados 13.501 casos (UNAIDS, BRASIL 2022).

Mediante os dados notificados no Sistema nacional de atendimento médico (SINAM), por ano de diagnóstico, nos anos de 2018 a 2022, evidenciou-se que 54,5% das hospitalizações são ocasionadas por infecções oportunistas (32,7%), em que os homens morrem mais que as mulheres internadas (42%) e possuem maior média de dias de internação (11 dias), evidenciando um efeito limitado no uso de antirretrovirais para a redução na recorrência de infecções oportunistas, o que pode ser atribuído também à baixa adesão à terapia medicamentosa. (SINAM, 2022).

Damiao *et al.* (2022) realizaram um estudo sobre o cuidado de pessoas vivendo com HIV na atenção primária à saúde, na região central do Rio de Janeiro, evidenciando um predomínio no sexo masculino, o que corrobora os indicadores dos municípios brasileiros fornecidos pelo SINAM (2022), os quais apontam um percentual de 61% no quantitativo de homens infectados por HIV em 2022.

Porém, esse perfil sociodemográfico e epidemiológico dos pacientes com HIV/Aids acompanha a evolução de suas características populacionais, ou seja, em seu estudo, Damião *et al.* (2022) descrevem que, apesar de ainda haver mais casos de HIV entre os homens do que entre as mulheres, essa diferença tem diminuído ao longo dos anos, uma vez que o número de mulheres infectadas aumenta percentualmente de forma igualitária aos homens. Entretanto, em sua pesquisa fica evidente a interação das vulnerabilidades geradas tanto no contexto político e sociocultural, quanto em suas vulnerabilidades individuais.

Segundo Pereira *et al.* (2019), a prevalência do HIV se estabiliza na população geral e, em segmentos populacionais de maior vulnerabilidade e riscos de infecção, se concentra em altas prevalências. Sua notificação é compulsória desde 1986, a infecção por gestantes desde 2000 e, em geral, desde 2014, através da Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças.

De acordo com o Boletim Epidemiológico (2021), nos últimos dez anos, observou-se um aumento na taxa de detecção de HIV na faixa etária de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos. Destaca-se ainda que o aumento entre os jovens nessas faixas etárias foi de 20,2% em 2020. O boletim traz ainda que, nesse período, a maior taxa de detecção foi de 43,2 casos/100 mil habitantes, a qual ocorreu entre a população da faixa etária entre 25 a 29 anos, que superou as taxas detectadas em homens de 30 a 34 anos e de 35 a 39 anos, as quais eram mais prevalentes até meados de 2016.

De acordo com os dados apresentados no SINAN 2020, são inúmeros os desafios enfrentados pelos portadores da patologia, pois a população soropositiva atesta dificuldades nos relacionamentos interpessoais, na adesão ao tratamento, um fardo psicológico de viver com uma doença crônica associada à morte, no preconceito e na exclusão social.

Os jovens/adultos representam um segmento populacional de vulnerabilidade social, pois, nessa fase, junto ao desenvolvimento psicossocial, é necessário o desenvolvimento de ações em saúde que visem orientar esse público sobre sexualidade e as transformações biológicas que ocorrerão em seu corpo e mente (CARNEIRO *et al.*, 2019).

O quadro percentual do estudo evidenciou homens e mulheres em relacionamentos estáveis, jovens e adultos, pessoas em situação de prostituição, moradores de rua, pessoas ligadas ao tráfico de drogas e beneficiários de programas sociais. A maioria eram pobres, com baixa escolaridade, e negras (SINAM, 2021).

Em relação ao grau de escolaridade, como observado por Sa e Santos (2018), Neto *et al.* (2019) e Antunes *et al.* (2022), demonstra-se que o maior percentual é o de pessoas com HIV/Aids com baixo nível de escolaridade que não completaram o ensino fundamental, seguidos estatisticamente pelo referidos como analfabetos e, em minoria percentual, os que concluíram o ensino superior. Esses dados dialogam com os dados fornecidos pelo SINAM (2022), que apontam um percentual de 19,4% das pessoas infectadas por HIV que não concluíram o Ensino Fundamental; 24,9% não se aplicam às classificações de ensino, levando a uma percepção de que essas pessoas diagnosticadas sentem vergonha ou sentimentos abalados quando questionados sobre seu grau de instrução. O nível médio completo ganha destaque como o grau de escolaridade da maioria dos acometidos pela infecção (cerca de 28,5%), de acordo com os dados do SINAM (2022).

Em sua pesquisa, Sá e Santos (2018), descrevem que, inicialmente, no Brasil, as pessoas com maior grau de escolaridade eram os mais acometidos, bem como os de maior poder aquisitivo. Atualmente, de acordo com os dados disponibilizados pelo DATASUS (2022), através do UNAIDS (indicadores e dados básicos dos municípios

brasileiros), a população com escolaridade de Ensino Médio incompleto são os mais acometidos, representando 10,6% dos dados, o que traz então uma realidade diferente no decorrer dos anos, indicando que a falta de educação colabora diretamente para a elevação do HIV/Aids.

Mediante os dados do SINAM (2022), em 2021, a transmissão homossexual passou a ser a principal via de transmissão do HIV, representado 34,9% dos dados, entretanto os dados demonstram que somente em 2021 o percentual foi maior, ou seja, ocorreu um aumento gradativo no decorrer dos anos (33,5% em 2018, 32,8% em 2019, 33,7% em 2020), quando comparado aos dados de transmissibilidade entre os heterossexuais nos anos anteriores, em que percebe-se uma queda percentual entre esse grupo social (38,2% em 2018, 39,3% em 2019, 37,2% em 2020 e 34,4% em 2021).

Esses dados corroboram as pesquisas realizadas por Pereira AC *et al.* (2019), que descrevem que essa maior tendência de crescimento em anos recentes entre heterossexuais vem acompanhada da participação expressiva das mulheres no que tange à dinâmica epidêmica, além dos dados percentuais importantes nos casos por transmissão materno infantil. Os dados de transmissão vertical estão aumentando percentualmente, conforme observado nos casos notificado no SINAN (2022).

Sá *et al.* (2018) descrevem que a relação sexual é a principal forma de transmissão do HIV, de modo que a alta frequência da não utilização ou da eventualidade no uso dos preservativos são as principais causas de transmissão relatadas. Nesse estudo também foi observado como as pessoas soropositivas são afetadas principalmente no domínio das atividades sexuais, frente a dificuldade em conviver e compartilhar o diagnóstico com seu parceiro sexual, medo pelo adoecimento do parceiro, por conflitos e mágoas ao ser diretamente ligados à aquisição de HIV. Ainda destacam que a sexualidade pode interferir diretamente nos aspectos psicológicos e sociais em sua vida.

Quanto aos riscos e vulnerabilidades dessas pessoas infectadas, um estudo realizado por Damião *et al.* (2022) acerca do enfrentamento das vulnerabilidades das pessoas que vivem com HIV/Aids na atenção primária a saúde demonstra que o risco e o medo quanto à infecção pelo vírus acabam afetando o exercício da sexualidade do portador, podendo, na maioria dos casos, interromper as práticas sexuais após o diagnóstico ou ter seu desempenho sexual prejudicado. Essa pesquisa ainda aponta que a qualidade de vida dessas pessoas soropositivas é afetada principalmente no domínio da atividade sexual.

Qualidade de vida: aspectos conceituais e sua aplicabilidade

Para uma análise da problemática abordada nessa revisão integrativa, é necessário, a princípio, compreender os aspectos históricos e conceituais envolvidos no desempenho da epidemia brasileira do HIV/Aids, assim como sua influência na qualidade de vida (QV) dos pacientes acometidos. Cabe aqui evidenciar a trajetória da virulência do HIV ao longo da história brasileira, a qual determinou mudanças sociais.

Silva e Cueto (2018) suscita uma discussão quanto à descoberta do vírus, que coincidiu com um período histórico em que as autoridades sanitárias acreditavam que as doenças infecciosas estariam sob controle médico. Isso ocasionou um grande impacto na saúde pública, pelo despreparo ao lidar com algo totalmente novo e inesperado e pela falta de conhecimento no que se refere à sua evolução clínica.

Hoje, já se sabe que as manifestações ocasionadas pela infecção do HIV podem ser divididas em três fases: a fase aguda, com quadro clínico que varia desde uma síndrome gripal até astenia, mialgia ou mesmo uma síndrome mononucleose; a

fase assintomática, em que os indivíduos nunca chegam a apresentar manifestações clínicas associadas à imunodeficiência; e a fase sintomática, que pode ser dividida em precoce (imunodeficiência inicial) ou tardia (infecções e/ou neoplasias). Em geral, a progressão da fase aguda para a sintomática dura em cerca de 10 anos, podendo variar entre os portadores da patologia (DIAS *et al.* 2020). Em cada fase, o comprometimento da QV é diferenciado (SANTOS *et al.* 2020).

Outro fator importante foi a descoberta das formas de transmissão, na tentativa do controle da epidemia, que acontecem por: contato com sêmen ou lubrificação vaginal através de relações sexuais (vaginal/anal) sem proteção, compartilhamento de agulhas e seringas contaminadas (BIANCHINI *et al.*, 2018) e de mãe para filho durante a gravidez ou amamentação (NETO *et al.*, 2021).

O tratamento para a patologia consiste em medicamentos antirretrovirais (coquetel), que deve ser iniciado o mais rápido possível. Segundo Lago e Costa (2018), entre os países em desenvolvimento, o Brasil foi o primeiro a disponibilizar o coquetel através da rede de saúde pública. A terapia para o HIV constitui em um grande avanço para a melhora das condições de saúde dos portadores da doença, podendo, segundo DIAS *et al.* (2020), “reduzir em até 96% as chances de transmitir o vírus”.

Após da descoberta do HIV, foram desenvolvidos imunoensaios para o diagnóstico da infecção. Geralmente os testes para detecção são realizados em triagem sorológica de sangue doado e garantia de segurança nas transfusões de sangue, dos hemoderivados e órgãos para transplante, para estudos de vigilância epidemiológica e para diagnóstico para detecção do HIV. A infecção pode ser diagnosticada por meio da detecção direta de componentes do vírus ou com testes moleculares que detectam o RNA viral ou DNA pró-viral (BRASIL, 2018).

O teste rápido para detecção do HIV proporcionou o aumento do diagnóstico na Atenção Primária à Saúde (APS). A partir de 2013, o Ministério da Saúde passa então a adotar diretrizes e recomendações para o incentivo do acompanhamento de pessoas com HIV/AIDS com quadro de baixo risco na atenção básica dos municípios (MELO *et al.*, 2018).

Assim exposto, com o avanço das estratégias de combate à epidemia bem como o desenvolvimento de medicamentos, o HIV começou a ser conceituado como uma patologia crônica, com alto grau de controle (NETO *et al.* 2020). Muito se tem discutido quanto aos assuntos relacionados ao aumento da expectativa de vida e da QV da população infectada, bem como a implementação da política de acesso universal ao tratamento antirretroviral (TARV) pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Neto CM *et al.* (2019) definem qualidade de vida como um equilíbrio entre o “estado de saúde, estado funcional, bem-estar psicológico, felicidade com a vida, satisfação das necessidades e avaliação da própria vida”. De acordo com os autores, trata-se de uma área de conhecimento em que se encontra em fase de construção de identidade, relacionando se há vários aspectos da vida como a saúde, lazer, hábitos de vida, moradia, dentre outros, sempre associada a fatores que direcionam a percepção positiva de bem-estar.

Em relação à QV da população portadora de HIV, Neto *et al.* (2019) assinala que, nos últimos anos, houve um aumento no índice de esperança de vida, mediante a evolução dos marcadores biológicos e avanço da TARV, melhorando significativamente o conceito de qualidade de vida para essa população.

Indo ao encontro da mesma teoria, Santos WM *et al.* (2020) expõem que a supressão viral mediante o TAVR é diretamente relacionada ao alcance da QV, podendo ser comparado à população que não é portadora de HIV. Os autores explanam, ainda, que condições específicas das pessoas que vivem com HIV influenciam diretamente de forma negativa na QV, sendo elas a vulnerabilidade social, desemprego, baixa renda e escolaridade, o que interfere diretamente no investimento dos cuidados pessoais.

Para uma análise do cenário internacional da QV de pessoas que vivem com HIV, o WHOQOL-HIV é utilizado com toda sua propriedade psicométrica. O WHOQOL-HIV possui 120 questões distribuídas por seis domínios, sendo elas: meio ambiente, físico, relações sociais, psicológico, espiritualidade (religiosidade e crenças pessoais) e nível de independência.

Silveira MF *et al.* (2019) trazem um estudo com sua aplicabilidade no Brasil, na região do norte de Minas Gerais. No que tange ao indicador de relações sociais, o estudo demonstra significativo nível de relevância ao apoio de que o portador necessita pelo fator isolamento, considerando as relações interpessoais, sexualidade e afeto. Assim, se o apoio social e emocional for alcançado, o portador confortará seus parâmetros psicológicos, elevando sua qualidade de vida.

Em um estudo recente, Damião JJ *et al.* (2022) trazem que os avanços tecnológicos conquistados por gerações no enfrentamento da epidemia de HIV/ Aids e o aumento da expectativa de vida e da QV dessas pessoas têm grande potencial de acabar com os casos epidêmicos. Porém, algumas condições socioculturais criam vulnerabilidades para novas infecções e aumento da morbimortalidade do vírus. Tais condições são descritas pelos autores, uma delas é a discriminação, sendo referenciada como marcador de exclusão social e tendo um papel na construção da vulnerabilidade, em que muitas vezes a condição clínica acaba sendo omitida pelo portador, devido às consequências negativas que a divulgação acarretaria ao grau emocional e social.

Políticas públicas

As políticas públicas voltadas aos portadores de HIV/Aids no Brasil obtiveram maior credibilidade na década de 90, apresentando participação de diversas partes da sociedade, ONGs (Organizações Não Governamentais) e instituições religiosas, até mesmo a Igreja Católica (Almeida AIS *et al.* 2022).

De acordo com Andreotti, Maito & Ferreira (2019), esse foi um marco inicial para outras ações futuras no Brasil, sendo que até hoje são referência no tratamento do HIV/Aids. Como exemplo, pode-se mencionar o fornecimento gratuito, através do Sistema Único de Saúde (SUS), da terapia antirretroviral.

Esses estudos demonstram um cenário em que havia uma doutrina centralizadora e restritiva aos “grupos de risco”, representados por profissionais do sexo, homossexuais, dependentes químicos (especificamente as drogas injetáveis) e usuários que compartilham seringas e hemofílicos. Essa questão traz à tona a discriminação de grupos sociais pelo fato de estigmatizar o termo grupo de risco, o que deve, portanto, ser combatido (Andreotti C, Maito S e Ferreira R. 2019).

Anos depois, adotou-se o termo “comportamento de risco”, no que se refere a práticas individuais possíveis de colocar outra pessoa em risco para a infecção pelo

HIV. Entretanto, essa conduta restritiva ignora outros fatores outrora já discutido, como diferenças raciais, renda, classe social e grau de instrução, sendo o principal fator contributivo na constituição do risco para a transmissão do HIV (Andreotti C, Maito S e Ferreira R, 2019).

O Sistema Único de Saúde (SUS) implementa ações direcionadas às pessoas com sorologia positiva ao HIV, sendo primordial o papel da atenção primária quanto à promoção e prevenção à saúde, bem como a educação, o diagnóstico e tratamento através da Estratégia da Saúde da Família (ESF), desburocratizando o tratamento, ou seja, tratando o indivíduo de forma única e direcionada, respeitando suas particularidades, os princípios doutrinários do SUS e, por fim, evitando o constrangimento das questões intrínsecas ao HIV/Aids (DAMIAO *et al.*, 2022).

Dentre fatores negativos evidenciados nos serviços de atendimento especializados, enfatiza-se a dificuldade de acesso às políticas públicas voltadas ao apoio da população com HIV/Aids, além da demora dos resultados de exames, a falta de integralidade entre os serviços ofertados, desde a coleta de material para o exame até o acesso aos tratamentos preconizados (Damiao JJ *et al.* 2022).

Considerações Finais

Este estudo propôs realizar um levantamento bibliográfico a partir da análise de dados epidemiológicos além dos fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adultos no Brasil e de como a patologia pode interferir na qualidade de vida desse público, discutindo as políticas públicas voltadas a essa população, por meio de artigos científicos relacionados ao tema.

Sendo assim foi possível verificar que as questões que tangem a qualidade de vida dos portadores de HIV/Aids sofrem diretamente influências de diversos aspectos relacionados ao processo de viver com uma doença crônica, desencadeando julgamentos morais, advindos desde o início da epidemia, por representações pré-definidas sobre o HIV/Aids, implicando diretamente nas mudanças das relações interpessoais, intersociais e profissionais.

Verifica-se a necessidade da implantação de políticas públicas de inclusão social, com o intuito de melhorar a qualidade de vida, possibilitando o acesso aos serviços de saúde, além de acessibilidade ao mercado de trabalho, tendo visto como esses fatores propiciam um melhor convívio social e na melhor QV para essas pessoas portadores do HIV/Aids.

Com este estudo foi possível verificar o quão a vulnerabilidade é algo complexo e de grande amplitude, visto que a população em estudo é notada com precariedade, desde o acesso à renda e aos serviços de saúde, até as fragilidades de vínculos afetivos, correlacionadas à desigualdade no acesso a bens e serviços públicos, sendo que essas ações deveriam ser aplicadas de forma universal e igualitária, pois a vulnerabilidade é vista em diferentes níveis e em todas as parcelas da população.

Diante dessas questões, acredita-se que esta revisão integrativa possa contribuir diretamente com o entendimento e a percepção de como as pessoas que convivem com HIV/Aids percebem a qualidade de vida nos diversos momentos de sua existência, bem como os fatores que interferem no alcance da qualidade de vida. Assim, este trabalho traz uma reflexão sobre a necessidade do aprimoramento ao que circunda o cuidado prestado a esse grupo.

Referências

- ALMEIDA, A. I. S. et al. Análise da política nacional de DST/Aids sob a perspectiva do modelo de coalizões de defesa. **Ciência & Saúde Coletiva**, 27(3):837-848, 2022.
- AMARAL, R. S. **Adolescência, juventude e HIV/AIDS**: estudo de fatores associados. Dissertação, 85f. Ceuma Universidade, 2016.
- ANTUNES, R. F.; MARQUES, S. C.; OLIVEIRA, D. C.; DOMINGUES, J. P.; CECILIO, H. P. M.; MACHADO, Y. Y., SILVA, D. P. E.; SOUZA, G. F. Saúde: principal significado da qualidade de vida entre pessoas vivendo com HIV/Aids. **Revista Saber Digital**, v. 15, n. 2, maio/ago., 2022.
- BIANCHINI L. et al. Formas de transmissão do HIV: Conhecimento de acadêmicos de fisioterapia e fatores associados. **Revista Contexto e Saúde**. 2018; 18(34).
- BLANDÓN J. A. P.; BOCANEGRA, A. G.; MAIDANA JÚNIOR J. N.; VIANA D. R.; CAMPOS M. M. L. Qualidade de vida e HIV. **Revista Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2019.
- BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Secretaria de Vigilância em Saúde Ministério da Saúde**. Número Especial. Dez. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de DST, AIDS e Hepatites virais**. Brasília:Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV em adultos e crianças**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 264 de 17 de fevereiro de 2020**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0264_19_02_2020.html. Acesso em 12 de março de 2022.
- BRASIL. **Política Nacional de DST/AIDS**: princípios e diretrizes. Coordenação Nacional de DST e Aids. 1ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- BRASIL. Presidência da República. **Casa Civil. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 12 de março de 2022.
- CARNEIRO, R. R. et al. Qualidade de vida de jovens vivendo com HIV/AIDS: uma revisão integrativa. **Temas em Saúde**. 2019; 19(5).
- CREMONESE, C. et al. Formas de Transmissão do HIV: Conhecimento de Acadêmicos de Fisioterapia e Fatores Associados. Editora Unijuí – **Revista Contexto & Saúde**, vol. 18, n. 34, jan./jun. 2018.

DAMIÃO, J. J. et al. Cuidando de Pessoas Vivendo com HIV/Aids na Atenção Primária à Saúde: nova agenda de enfrentamento de vulnerabilidades. **Saúde debate, Rio de Janeiro**, v. 46, n. 132, p. 163-174, jan-mar. 2022.

DIAS, J. O. N. et al. Principais sintomas e alterações imunológicas decorrentes da infecção pelo vírus HIV: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde, REAS/EJCH**. Vol. Sup. n. 40, 2020.

DIAS J.; SOUSA, G. C. de; FURTADO, D. R. L., OLIVEIRA, V. S. de; MARTINS, G. S. Principais sintomas e alterações imunológicas decorrentes da infecção pelo vírus HIV: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 40, 2020.

FENELON, M. P. M. et al. Epidemiologia da AIDS no Brasil, região Centro-Oeste e Distrito Federal, 2008-2018. **Research, Society and Development**. 2021; 10(5).

FERREIRA, R.; MAITO, S.; ANDREOTTI, C. Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos? **Revista USP**. 2019.

FIGUEIRAS, S. L.; MASKSUD, I. Da política à prática da profilaxia pós-exposição sexual ao HIV no SUS: sobre risco, comportamentos e vulnerabilidades. **Revista Latino americana**. n. 30. dez 2018.

GALANO, E. et al. Vivências dos adolescentes soropositivos para HIV/AIDS: estudo qualitativo. **Revista Paulista de Pediatria**. 2019; 34(2).

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática de literatura: conceituação, produção e publicação. **Revista LOGEION: Filosofia da informação**. 2019; 6(1).

LAGO, R. F.; COSTA, N. R. Comunidades de especialistas e formação de interesses noprograma de aids no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2017; 22(5), p. 1479-1488.

CHAVES, M. M. N. **Estudo ecológico da epidemia HIV/aids em adultos jovens: estamos prevenindo ou tratando?** Cogitare enferm. 2021.

MACEDO, A. M. J.; GOMES, J. T. Estudo epidemiológico da AIDS no Brasil – BR, no período de 2015-2019, a sua história e políticas públicas criadas até os dias atuais. **Temas em Saúde**. 2020; 20(4).

MARTINS, N. et al. **Qualidade de vida no contexto de pacientes com HIV/AIDS: um estudo comparativo**. Saúde e Pesquisa. 2019.

MELO, E. A. et al. Cuidado, HIV/AIDS e atenção primária no Brasil: desafio para a atenção no Sistema Único de Saúde? **Revista Panamericana de Saúde Pública**. 2018; 43(23).

MENDES, D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: Método De Pesquisa Para A Incorporação De Evidências Na Saúde e na Enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, volume 17, número 4, 758-64, Dez. 2008.

NETO, L. F. S. P. et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. 2021;30(1).

OLIVEIRA, P. S. et al. Vulnerabilidade de adolescentes às Doenças Sexualmente Transmissíveis na Atenção Primária. **Revista de Enfermagem UFPE**. 2018; 12(3),p. 753-762.

PEREIRA, A. C.; BRADBURY, F.; ROSSETTI, E. S.; HORTENSE, P. Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2019.

PEREIRA, G. F. M. et al. HIV/AIDS, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. **Revista brasileira de epidemiologia**. 2019; 22(1).

PRIMEIRA, M. R.; SANTOS, W. M.; PAULA, C. C.; PADOIN, S. M. Qualidade de vida, adesão e indicadores clínicos em pessoas vivendo com HIV. **Acta Paul Enferm**. 2020.

SÁ, A. A. M; SANTOS, C. V. M. **Sexualidade de Pessoas que Vivem com IV/Aids. Psicologia: Ciência e Profissão**. Out/Dez. 2018 v. 38, n°4, p. 773-786.

SILVA, A. F. C. D.; CUETO, M. HIV/Aids, os estigmas e a história. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. 2018; 25(2).

SILVA, C. M. et al. Prevalência de HIV em crianças/adolescentes em um centro de referência no Sul do Brasil. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**. 2017; 3(3), p. 30-37.

SILVEIRA, M. F. et al. Propriedades psicométricas do WHOQOL-HIV Bref. **Psico-USF, Bragança Paulista**, v. 24, n. 3, p. 475-487, jul./set. 2019.

VERAS, J. S. et al. Doenças oportunistas em portadores de HIV/AIDS e cuidados da equipe de saúde. **Online revista Multidisciplinar e de Psicologia**. 2020; 14(50).